

LEMBRANÇAS DO LUGAR: O SER SERINGUEIRO EM EXTREMA/RO

Sandra Teixeira de Assunção – Discente do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia da
Universidade Federal de Rondônia – PPGG/UNIR

san_tei@hotmail.com.br

Josué da Costa Silva – Doutor em Geografia; Docente do Departamento de Geografia e do PPGG/UNIR

jcosta1709@gmail.com

Adnilson de Almeida Silva – Doutor em Geografia; Docente do Departamento de Geografia e do
PPGG/UNIR

adnilsonn@hotmail.com

RESUMO: Este artigo tem por objetivo compartilhar das lembranças dentro das experiências vividas por um grupo de extrativistas seringueiros moradores do distrito de Extrema/RO. Este grupo, remanescentes dos chamados “soldados da borracha” viveram o período da extração do látex entre dificuldades, trabalho, selva, rios, animais e, neste modo de vida construíram um “pertencer” ao lugar com uma particularidade ímpar. O cotidiano era marcado por dores, amores e aromas. O trabalho árduo sem poder interagir com o dinheiro deixava-lhes frequentemente presos ao “patrão”. Esse cotidiano também tinha fartura, riquezas, festas, pescarias que estão vivas nas lembranças... Uma vida que não se foi, pois está presente na mente desses seringueiros que, hoje, decodificam um novo viver longe da floresta e dos rios.

PALAVRAS-CHAVE: Lugar. Modos de vida. Seringueiros.

ABSTRAT: This article has as objective to share some remembrances through experiences lived by a group of extractivists, tapper rubber who lived in the District of Extrema/RO. This group, remanescents of so called “soldados da borracha” (soldiers of rubber) live a period of extraction of latex among many difficulties, work, jungle, rivers, animals and, in this way of life they built an idea of “belonging” (pertencer) to the place with a single particularity. The day-by-day was marked by pains, loves and odours. The hard work with no interaction to money made themselves frequently prisoned to the “boss”. This day-by-day also had abundance, richness, parties, fisherings which are alive in memories... A life who not got way, because it is present in this rubber tappers’ mind who, today, decodify a new life so far from the forest and rivers.

PALAVRAS-CHAVE: Place. Ways of lifes. Rubber tappers.

1. INTRODUÇÃO

O Distrito de Extrema está localizado no município de Porto Velho, a 340 km da capital do estado de Rondônia, sentido Rio Branco no Estado do Acre. Uma área onde vivem indígenas da T.I. Kaxarari, antigos seringueiros desapropriados do seu território pelas novas formas geopolíticas e econômicas desenvolvidas para a região Amazônica. Essa forma buscou integrar o norte ao restante do país e, a colonização levou migrantes em busca de terras e nova forma de viver e produzir o espaço. O distrito possui 5.089 habitantes, conforme a Contagem da População realizada pelo Instituto de Geografia e Estatística - IBGE (2007), destes, 3.377 são eleitores, segundo as informações das eleições TRE (2010). Os seringueiros, hoje, vivem no perímetro urbano, mas não esquecem o modo de vida da época do seringal.

2. LOCALIZAÇÃO DA AREA

O distrito tem suas coordenadas geográficas definidas em : 9° e 10° de latitude sul e 65° e 67° de longitude oeste. Limita-se ao Norte com o Estado do Amazonas, a Oeste com o Estado do Acre, ao Sul com a República da Bolívia e a Leste com o próprio município de Porto Velho, conforme Mapa de localização.

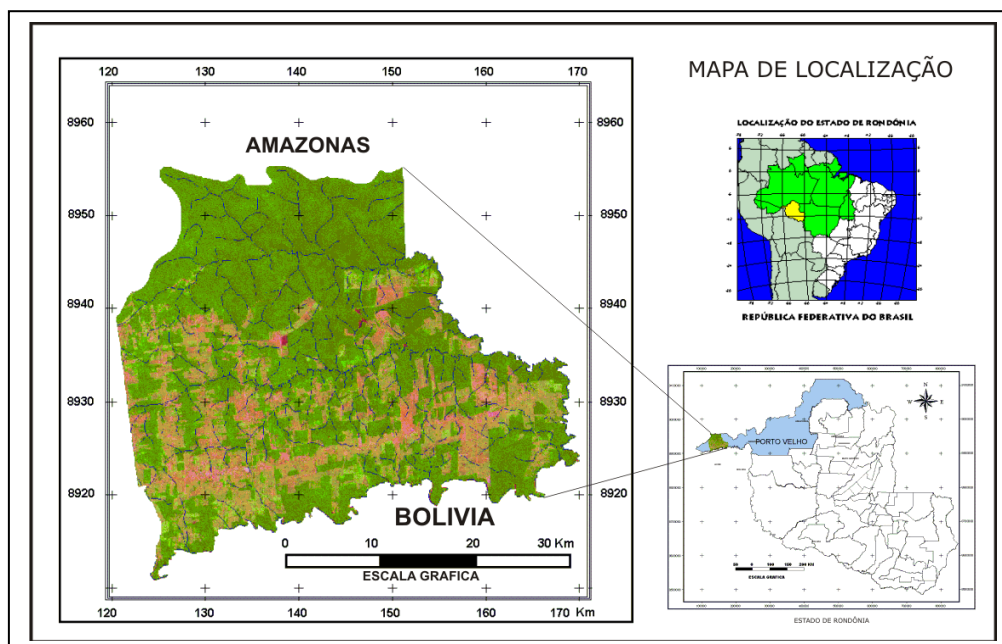


Figura 01: Distrito de Extrema na Ponta do Abunã/ Estado de Rondônia
Fonte: SEDAM, adaptado por Luiz Claudio Fernandes, 2011

3. REVISITANDO O LUGAR

Para entender este lugar de pertencimento dos seringueiros, a metodologia adentrou os levantamentos bibliográficos e pesquisa de campo, com entrevistas orais para nos aproximarmos do mundo vivido e rememorado pelos mesmos.

Em busca por uma vida melhor, os nordestinos que sofriam com a seca e já com latifúndios, deixaram sua terra natal e, adentraram as florestas rudes e insalubres da Amazônia para trabalharem à extração do látex (MARCHESE, 2005) compreendendo o 1° e 2° ciclo da borracha. Penetraram a região norte do Brasil encontrando na floresta Amazônica um meio de sobrevivência. Assim, formaram-se grandes contingentes de população nordestina com seus costumes, crenças e valores que deu início a uma nova forma de apropriação do espaço.

Para Medeiros Filho *apud* Nascimento Silva (2003) a seca que assolou o nordeste no período de 1877-1879 foi à chave para a migração constante de nordestinos, com grande incentivo do governo brasileiro e dos donos¹ dos seringais.

Nascimento Silva (2003, p.48) ao analisar as migrações nordestinas para a região Amazônia infere que nelas se encontrava a problemática no campo marcada por conflitos agrários, e que também coincidem “com os períodos de seca, e os pequenos agricultores são os que primeiro sentem os efeitos da mesma. Além de ser a maioria da população rural sertaneja, eles não tinham alternativa a não ser migrar.” Assim, a migração para a Amazônia foi inevitável. Exatamente quantos nordestinos vieram ninguém sabe, mas o trabalho árduo e escravizado preponderou.

Deste modo, Almeida Silva *et all* (2010, p.78) confirmam que o modelo de administração dos seringais configurou uma exploração insensível da força de trabalho do seringueiro, destacando também que:

“Os mantimentos eram vendidos e só contabilizados no final do ano a preços vigentes. Toda a produção desses trabalhadores era contabilizada pelo preço que a borracha tinha alcançado no mês de janeiro do ano de sua exploração. Essa forma de gerenciamento ficou conhecida como sistema de barranco”.

Os seringueiros viveram, portanto, um cotidiano de sofrimento e tristeza, mas era preciso superar as dificuldades, aprender a conhecer os mistérios da floresta e dos rios. Porém, a interação dos, então, ditos “bravos” “soldados”, tanto por não conhecer a floresta, bem como o trabalho penoso do corte da seringueira fez com que estes homens estabelecessem uma resignificação cultural neste território seringueiro.

A afinidade entre este homem e o ambiente foi instituída, o ambiente lhes proporcionava sustento, de modo que tinha um olhar ecológico para com meio. Buscavam conhecer bem os caminhos percorridos e vividos. Neste território seringueiro, a percepção, o sentir os valores vivenciados nas matas, nos rios nos animais e aves foi acumulando significados. Assim, os valores encontrados construíram neste espaço um “lugar” de aconchego, a concha que acolhia a vida.

A “mata” como falam esses seringueiros é o lugar do trabalho, da seringueira, da caça, dos rios, das palhas de pachiúba – palmeira típica da Amazônia - para construir as casas. É também o lugar do cantar dos pássaros, do silêncio, por onde correm os rios que são

¹ Grandes latifundiários com áreas de até 35mil hectares, chamados de seringalista e também de “coronéis de barranco”.

estradas e tem a água e o peixe para a alimentação. A vida foi sendo revelada e estabelecida. Foram muitos anos desempenhando o corte da seringueira e a coleta da castanha.

Neste viver isolado entre a selva e os vizinhos (outros seringueiros) os maiores temores eram quanto à onça e a cobra, mas como bom observadores que eram, logo, apreendiam o seu mundo vivido. Foi neste desenvolver a vida individual e coletiva que através de uma atividade de trabalho com a seringa (*Hévea brasiliensis*) desenvolveram sua cultura e, buscaram uma identidade. O lugar que lhes traziam aconchego (casa), o trabalho (segurança), expressão da força e da necessidade de sobrevivência lhes assegurava estabilidade e permanência. Assim, o ambiente foi recebendo valores. É onde se apreende e une o conhecimento das experiências vividas cotidianamente.

Neste sentido, o sentimento afetivo pelo lugar é influenciado pela pausa reflexiva do conhecimento, necessidades e durabilidades de ações. Desta forma, Tuan (1980) define muito bem este afeto entre a pessoa e o lugar. O pensamento cria sentimentos, formas, mitos e forças dando sentido e característica ao lugar, reconhecendo os habitantes para se sustentar/viver no espaço. A valorização do contexto ambiental para com o lugar são sentimentos que caracterizam o mundo vivido destes grupos ou indivíduos, tanto seringueiros como caiçaras, caboclos, ribeirinhos...

A esta questão, Buttimer (1985, p.166) considera que:

“[...] Habitar implica mais do que morar, cultivar ou organizar o espaço. Significa viver de um modo pelo qual se está adaptado aos ritmos da natureza, ver a vida da pessoa como apoiada na história humana e direcionada para um futuro, construir um lar que é simbólico de um diálogo diário com o meio ambiente ecológico e social da pessoa [...]”.

Assim, compreende-se o lugar como o espaço vivido das pessoas, onde estas se desenvolvem, se inter-relacionam com objetos, animais, fluxos de pessoas que são externos ao lugar, paisagem, ambiente natural, trabalho e a subjetividade. Logo, o lugar para o seringueiro está repleto de convivência com outras pessoas, com os rios, com as ‘matas’ e, com o trabalho. Ali é uma realidade construída pela experiência, onde existem os sentimentos afetivos, mas também as tristezas. É o lugar vivido em partes, mas agrupadas em um todo.

Assim, o mundo é ativo. Não fixo. As pessoas agem, exercitam tanto o corpo como a mente em trabalhos, sofrimentos e descanso. Fazem reflexões e se estabelecem com atitudes que favoreça o seu cotidiano, igualmente, os laços com o meio se aperfeiçoam e, o pertencimento a determinado grupo se manifesta em uma identidade construída na relação social e natural vivida.

Neste cenário, se materializa a cultura, o que para Zanatta (2007, p.6) “está intimamente ligada ao sistema de representações, de significados, de valores que criam uma identidade que se manifesta mediante construções compartilhadas socialmente e expressas espacialmente”.

O seringueiro foi estabelecendo sua cultura. Raízes trazidas do lado nordestino e reconstruídas com o modo de viver dentro da floresta longe do contato com o urbano. Novos horizontes foram reedificados. A experiência de uma cultura em um lugar influencia na interpretação do meio ambiente. O cognitivo procura dar significados para as vivências de acordo com as intencionalidades para cada fenômeno apreendido.

Quando se encontra um referencial familiar, ou da cultura do grupo, o indivíduo sente uma experiência emocional, reconhece o seu lugar. Assim, foram se familiarizando com um novo jeito de viver dentro da floresta, pulando galhos, passando baixadões úmidos, mosquitos como os borrachudos e carapanãs, estradas que eram piques conhecidos como varadouros por onde andavam os comboieiros e sua tropa com a castanha e algumas pélas² de borracha (o produto).

Assim, à frente do seringueiro, apresentava-se a Amazônia com fauna, flora, hidrografia e relevo bem diferentes de outras regiões do país, principalmente do que esses homens haviam deixado no Nordeste. Foi uma adaptação forçada, pois o nordestino não tinha como voltar. Deste modo, foi movido a ter um conhecimento mais aguçado sobre esta conjuntura.

Esse era o grande desafio que o nordestino encontrava na região, o que remete ao contexto dado por Tuan (1980 p.89-90):

“a natureza pode ser hostil e enigmática, mas o homem aprende a compreendê-la - Extrair-lhe significado - quando isso é necessário a sobrevivência [...] O indivíduo não depende do poder de uma sociedade organizada para dominar a natureza. Ele confia em sua própria engenhosidade e força”.

Diante destas abordagens sobre o lugar de afeto e pertencimento, vale ressaltar que Tuan é um dos geógrafos mais consagrados na Geografia humanística, porém este conceito tem passado por várias interpretações no decorrer da análise neste campo do conhecimento. Assim, o tempo em determinado lugar pode não trazer experiência. Se o ser humano não experienciou a vida neste lugar, não pode se identificar com ele e, deste modo, não tem a afetividade e o pertencimento e, os lugares revogam o centro de significância.

² É o produto (goma elástica) da coagulação do látex da *hévea brasiliensis*, através da defumação.

Mas, o seringueiro, mesmo sendo uma mão de obra explorada na extração do látex aprendeu a ter afetividade por seu trabalho, pelo seu lugar. Destacam as pescarias que faziam, a caçada, os animais, o canto dos pássaros, as alegrias das festas nos seringais que eram sempre celebradas em alguns dias santos, como: São Sebastião, Santo Antônio, São Francisco, São Pedro, Santa Luzia, etc.

4. ESPAÇO E MEMÓRIA

Dando voz a um silêncio vivido por pessoas simples, mas com grande importância na história de um povo, de um grupo. Transcrevemos e ouvimos essas vozes, através das lembranças que estão armazenadas na memória e presentes na vida cotidiana do seringueiro de Extrema. A memória envolve a experiência, a percepção e a sensibilidade do ser humano em um grupo que repassa a cultura vivida de geração a geração.

A memória volta-se ao íntimo do cotidiano das pessoas, valoriza seu passado em uma correlação com o presente e futuro. A busca pelo sentido da memória do tempo e espaço passado faz ressurgir lembranças que estão guardadas por quem vivenciou uma história passada dentro de um espaço vivido. Resgatar a vida cotidiana do seringueiro e o seu ressignificar fora da sua concha embrionária requer uma atenção quase “subterrânea” do passado que está vivo dentro do sujeito.

Nas abordagens de Tedesco (2004), ele enumera o envolvimento do estudo da memória, percorrendo os caminhos do tempo (período da história de vivência), lembranças das ações e práticas do dia a dia, narrativas, oralidades, subjetividades, fatalidades, etc. Desta forma, adentrar o mundo das experiências das pessoas ou grupo social é um convite a reviver o eu do outro entendendo a suas complexidades.

Tedesco (Ibidem) registra ainda o que Le Goff dizia sobre o valor dos “homens-memória”, sendo os “velhos venerados” por terem a função de garantir a historiografia da família ou do grupo. A memória encontra unidade quando existe a intencionalidade do que melhor lhe interessa armazenar. Neste sentido, esta intencionalidade proporciona entendimento no campo da fenomenologia, pois a experiência vivenciada transporta a presença da consciência no desencadeamento das ações e práticas das vivências entre passado e futuro.

Desta forma, a memória tem a capacidade de conservar informações para atualizar e reconstruir o passado, com auxílio da consciência psíquica, bem como esquecer as experiências. As intencionalidades velem possibilidades e interesses na conjuntura de vida,

assim, através da memória o passado e o presente se dependem. Ex: um ex- seringueiro não vive sem o seu passado porque nele estão os amalgamas da vida, a cultura, os valores, as crenças, os mitos, as atitudes, seu modo de ser, ver e viver. Não deixou toda sua história, seu aprendizado, acrescenta-se outras culturas ao seu modo atual de vida.

A memória dimensiona a esfera da construção do vivido, do histórico e do cultural. Assim, lembrar o passado não significa apenas, recordação valorizada e fragmentada, mas a busca pelo conhecimento histórico e cultural de um grupo, em que a memória também constrói a cidadania. Diferentes experiências em um lugar constroem espacialidades com redes de significados visíveis, imaginárias, hábitos de alimentação, espaços de trabalho, de lazer, de crenças.

Quando se busca na memória as lembranças de um passado de experiências, o indivíduo tem uma probabilidade de vislumbrar algo que possuía, o seu eu, a sua vida, as raízes de sua identidade. As alterações da vida presente em um mundo de tecnologias produzem modificações nas lembranças diante dos novos valores e alterações econômicas. Todavia, recordar contribui com a compreensão do modo de vida das pessoas.

Bosi (2003, p. 7) ressalva que “As coisas que modelamos durante anos resistiram a nós com alteridade e tornaram algo do que fomos. Onde está nossa primeira casa? Só em sonhos podemos retornar ao chão onde demos os primeiros passos”. Igualmente, a autora afirma que o sistema econômico condena às pessoas a mobilidade, assim o desenraizamento é condição desagregadora da memória.

5. O TERRITÓRIO SERINGUEIRO REVISITADO NO LEMBRAR

O sentido dado por Haesbaert (2005) é que o território é funcional e simbólico quando se tem como centralidade recursos para a proteção ou como matéria prima e/ou quando para produzir significados. O território é sempre múltiplo no seu tempo-vivido. Não sendo, apenas de relação de poder.

O território, no contexto humanista, apresenta-se como um espaço vital – no sentido de vida, de experiência e de vivência. Para a vida do indivíduo ou grupo torna-se essencial, pois, ele, precisa deste espaço para locomover-se e realizar suas atividades diárias.

Diante disto, o território, também, pode ser o lugar permeável e, o lugar funde-se com o sentimento afetivo ou não, com esperanças, alegrias e tristezas. O lugar, qual seja ele, é fundamental para o grupo, pois é nele que está o seu enraizamento, sua identidade. Logo, Haesbaert (1999, p. 172) afirma que:

“[...] toda identidade territorial é uma identidade social, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das ideias quanto no da realidade concreta, o espaço geográfico constituindo assim parte fundamental dos processos de identificação social [...]”.

Pari-passu a essa concepção de territorialidade inclui-se o pertencimento identitário, conforme acrescentam Almeida Silva *et all* (2010, p.66) que:

“[...] Para que exista território é necessária uma ação de construção, a qual é produzida por seus diversos e distintos atores. Logo, a territorialidade está ligada a uma ação e ultrapassa o território. Assim, os nordestinos que para a Amazônia vieram não perderam a essência de sua territorialidade anterior que, aos poucos e frente às realidades, adquiriram uma territorialização construída, a partir de novos modos de vida. É com esta vivência que se adquire uma nova identidade, conseqüentemente uma nova territorialização e configuração territorial”.

Os seringueiros que aqui se estabeleceram trouxeram seus costumes, hábitos e crenças, mas adquiriram outros em contato com a cultura indígena, ressignificam e, constroem novos saberes, assim como também reconstroem saberes vivendo no perímetro urbano e, se relacionam com pessoas oriundas de outras regiões do país somando culturas e novas aprendizagens.

Então, o território não pode ser entendido como conjunto de sistemas naturais com fronteiras estabelecidas. Neste território alicerça-se o trabalho, a residência (casa) as trocas materiais e as energias espirituais, onde a sobrevivência exige adaptações do modo de vida do indivíduo ou do grupo. É neste espaço que se equilibra a vida. Observa-se, então, o território, onde a vida se materializa, se organiza, tem pertencimento, cultura, identidade, valores e significados.

Em pesquisa de campo o entrevistado 01, ex-seringueiro falou um pouco da sua vida.



ASSUNÇÃO, S. T. Entrevistado 01 – Fig. 2 - construindo um mapa do seringal e Fig. 3 – Com o balde de colocar o látex. Recordação e saudade. Extrema/RO, foto digital automática, julho de 2011.

Com uma caneta e papel vai desenhando, mentalmente, um seringal à beira do rio Mamu/Bolívia, demonstra a sua visão e percepção do espaço onde está o mundo vivido. A canoa no rio, a escada feita no barranco, a casa, o pasto, o roçado e as colocações em forma de gota. O mundo circular que por muitos anos vivenciou. Preso em um círculo de trabalho, amor e tristezas, mas onde descobriram um jeito próprio de vida, ou seja, de sobrevivência.

As lembranças do lugar estão bem nítidas, na mente e na vida do seringueiro de Extrema:

(...) Quando escutava o trovão... Trololoó... Deixava o prato pra lá e pegava o balde pra não perder o leite, muitas vezes perdia o leite (látex) porque a água entrava dentro, aí não prestava...(O seringal) era uma beleza, às vezes eu saía de madrugada 2, 3, 4 horas... Aqueles passarinhos cantando no amanhecer do dia, era tão bonito... A estrada passava bem na beira do rio, a gente descia ia beber água... É como eu falei criei meus filhos tudo no mato, hoje em dia são analfabeto, mas não foi culpa minha... Ensinar a trabalhar eu ensinei, tanto faz as filhas como os filhos, tudo sabe trabalhar (...)(Entrevistado 02, “soldado da borracha”)

No seringal era muito bom! A vida melhor que já passei... Naquele tempo, também, a gente nos dia de domingo não era que nem aqui, um forró, uma festa, aquela zoada... Nos matos, o que a gente fazia, dia domingo, ia pro lago pegava tarrafa, material da pesca, ia pegar peixe, comer peixe assado na beira do rio e, pegar pra trazer pra casa... A vida no mato é boa mais é muito sofrida... é boa porque é mais sadia e tem muita comida diferente... Nunca enjoava da comida: um dia era pesca, o outro caça e, assim, era a mudança, ninguém enjoava, hoje em dia é só boi e galinha... (Entrevistada 03, seringueira com orgulho)

Muitos dos seringueiros que mudaram para o perímetro urbano do distrito sentem dificuldade em arrumar um emprego por serem analfabetos e por não terem outra profissão dentro do sistema econômico globalizante.

Viveram anos na floresta, aprenderam a cortar a seringueira, coletar a castanha, a pescar, caçar, defumar o látex, assim, com a extinção dos seringais muitos ainda tem buscado refúgio nos seringais desativados do rio Mamu/Bolívia. Ali ainda encontram muita fartura de peixe, caça, colhem a castanha do Brasil e, plantavam alimentos como a mandioca, a abóbora, a cana, a banana, o feijão, a batata doce, mas como afirma o entrevistado 01 que lá viveu 12 anos: “a vida dos brasileiros na Bolívia foi muito boa, mas quando chegaram os bolivianos de uns quatro anos pra cá botaram o pessoal (brasileiros) pra fora”.

Muitos relatam que perderam todos os animais, as castanhas coletadas, as plantações e, aguardam do governo brasileiro que já propôs, em reunião com os seringueiros, criar um assentamento entre Acrelândia e Rio Branco no Acre.

Na cidade, como não tem qualificação profissional, ou encontram trabalho na diária em fazendas ou nas madeiras. Um trabalho bem diferente da vida vivenciada próxima aos rios e entre as “matas”. O trabalho era penoso, mas afirmam que não passavam fome.

Para Silva (2006, p. 231) “a formação dos povos da Amazônia também se constitui da contribuição dos grandes grupos étnicos formadores do povo brasileiro.”. Assim, o autor afirma que dos elementos constituintes da “cultura amazônica” e de como o conhecimento acumulado carrega tradição e significados, criando e recriando códigos que são reinterpretados, designando a identidade cultural dos grupos.

O conhecimento acumulado na vivência cotidiana com o ambiente está miscigenado de sentimentos, códigos e signos. Assim, o modo de vida Amazônico não foi/é só trabalho e isolamento, mas também um “espaço” organizado por percepções que dão sentido ao viver ribeirinho, extrativista, seringueiro, pescadores, etc. O modo de vida conecta saberes para enfrentar os problemas que surgem e são códigos e significados míticos que desempenham papel fundamental nos grupos. Desta forma, Silva, diz:

“O espaço com todas as suas representações é a expressão viva do homem, torna-se humanizado, aliado ao seu projeto de sobrevivência; é o seu lugar de liberdade, de segurança, seu lar, seu “lugar”. O mito como elemento participante na construção desse espaço é o “organizador” das representações imaginárias... Elabora o conjunto de explicações do seu “mundo”, de seus valores, de sua organização”. (SILVA, 2006, p.232).

A vida como ela se apresentava aos seringueiros na época do seringal foi fortemente marcada na memória. As lembranças são constantes e são apresentadas em detalhes que marcam o apego ao lugar. O modo de viver encontrou significados e laços para e, com o lugar.

6. SERINGUEIROS RESILIENTES

A resiliência é analisada a luz de algumas teorias iniciando pela física, seguindo a engenharia e, na psicologia, prima pelo aspecto da “resistência” do indivíduo ou grupo sobre as tensões e pressões sofridas. Porém, trabalhando a Geografia Cultural pontuam-se as habilidades adquiridas com as experiências vividas - os valores, as atitudes, a arte e etc.

A preocupação com o sobreviver diante da fome, do isolamento, do excesso de força física, das intempéries e, escapar das armadilhas das cobras e das onças foram fatores determinantes para lutar e desvendar os mistérios das “matas” e das águas. É importante frisar a força do conhecimento do seringueiro sobre as florestas e os rios e, atualmente, vivendo fora do seu “natural habitat” são sápiens dentro de seu modo de vida particular. Eles têm conseguindo morar na cidade, mesmo limitados pelas cercas dos terrenos urbanos, pois foram saindo do seu “lugar” com a chegada de novas culturas que impunham os limites para pescar,

caçar. Os limites de propriedade privada, desmatamentos e queimadas com que não estavam acostumados (ASSUNÇÃO, 1999).

A resiliência do ex-seringueiro consiste na capacidade que este tem de suportar os problemas e, resistir às pressões adversas. Constitui o “lugar de pertencimento” em um contexto para tomar decisão entre a tensão do ambiente e a vontade de vencer.

Na cidade estão reproduzindo um pouco do modo de vida do tempo do seringal, onde o mundo vivido estava próximo aos rios. Fazem os canteiros de palafitas³ com os temperos básicos do dia a dia: a cebolinha, o coentro, a pimenta, a couve.



ASSUNÇÃO, S. T. Fig. 4 - Canteiro de palafita com cebolinha e coentro no quintal da área urbana. Extrema/RO, foto digital automática, agosto de 2011.



ASSUNÇÃO, S. T. Fig. 5 - Entrevistada 04 – Mulher ex- seringueira. Plantação de verduras e legumes em um canteiro no chão feito. Extrema/RO, foto digital automática, agosto de 2011.

³ Construções sobre estacas de madeiras muito utilizadas em beira de rios para casas. No caso dos canteiros é para que as criações (galinhas) não estraguem a plantação de legumes e verduras

Os entrevistados dizem ter se acostumado com a energia, a televisão com jornais e novelas, mas a fartura de alimentos só no seringal, pois na cidade o serviço está difícil e muitos vivem de diárias ou a aposentadoria.

Devido esta fartura quanto à alimentação, a entrevistada 03 foi resistente para sair do seu aconchego de “lugar” na beira do rio Abunã, ela disse: “se eu pudesse estaria lá, mas já de idade é melhor aqui... Tinha medo de morrer de fome...”. Ela, também, fala com orgulho do tempo do seringal e diz sentir saudade das pescarias, dos anzóis, das festas e, principalmente, da comida que era diversificada.

No seringal, a vida não era apenas fartura com alimentos, existiu sim, muito sofrimento, pois o trabalho era “escravo” na extração do látex e, não tinham como plantar, caçar, etc. Alguns seringueiros afirmam que a fartura veio quando houve o declínio da produção do látex na Amazônia, de tal modo que, abandonados pelos seringalistas e aviadores⁴ e lançados a própria sorte tiveram uma “liberdade” para produzir o seu sustento, caçar e pescar para sobreviver às adversidades em que foram deixados, portanto, são resilientes.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou ressaltar as lembranças de um modo de vida que trouxe identidade a um grupo de seringueiros. Hoje vivem na cidade e tentam adaptar-se a outros valores, ou seja, a outra cultura estabelecida neste distrito - o migrante (produtor rural, comerciante, pecuarista).

Assim, mesclam conhecimentos pertencentes a sua origem com novos hábitos neste outro espaço social, uma vez que o seu “lugar”, o lugar de pertencimento era o seringal com alegrias e suas tristezas, isto está em suas memórias. Não são imunes aos novos significados, antes aprendem e transmitem seus conhecimentos, no entanto, salientam que sentem falta e saudade desse tempo, mesmo com as dificuldades no serviço do seringal a vida era mais tranqüila tanto com relação à alimentação como na criação dos filhos. Nas poucas festas que tinham não acontecia a violência que tem na cidade. As pescarias eram momentos de diversão e, de trazer o alimento para casa. Então, podemos refletir qual foi o tempo da fartura. Quando foram abandonados em meio à floresta? Era morrer ou sobreviver? Com certeza, optaram por sobreviver, buscando habilidade para prosseguir.

⁴ Eram os donos das casas aviadoras que vendiam a créditos e juros aos seringueiros os produtos que consistiam em utensílios para a extração, vestuários, alimentação, remédios etc., e recebiam a produção da borracha

O seringueiro de Extrema vivenciou dores, amores, segurança e insegurança em um território marcado por uma vida cotidiana isolada no coração da floresta. O modo de vida está guardado no íntimo da memória.

Destarte, verifica-se que a expansão territorial com a frente capitalista deu invisibilidade a este seringueiro que tanto contribuiu para a construção da região, sendo que esta invisibilidade perdura até hoje, quando vemos procedimentos que não protegem e não dão condições de sobrevivência para o índio, o seringueiro, o ribeirinho e etc. Retiram-no do seu lugar com projetos de assentamentos e hidrelétricas. A pontuação frisada aqui não é pensar uma vida parada no tempo e no espaço, mas uma vida “sustentada” culturalmente, economicamente, ecologicamente e socialmente.

Esta sociedade invisível aos olhos de alguns, principalmente, pelo poder público é fragmentada neste imenso espaço amazônico. Todavia, importa discutir o papel destas, diante das áreas onde vivem e a proteção das mesmas, fazendo uma conexão entre um desenvolvimento sócio-econômico e sustentabilidade para estes grupos locais.

Este desenvolvimento não acontece dentro de relações assimétricas dominantes, mas dentro de decisões de manejo dos recursos, dentro do território de cada grupo, com sensibilidade à sua dimensão cultural. Há grande biodiversidade física, biológica e social nesta floresta. São grupos que ali habitam com modo de vida, percepções e valores diferentes da sociedade “dita” moderna e capitalista, pois possuem relação particular com a natureza e dependem dos ciclos naturais da mesma para a sobrevivência.

Se, são tradicionais ou modernos, não importa! O que importa são seus valores, sua resiliência às dificuldades que sempre enfrentam. São seres humanos que possuem vida cotidiana, traçada por mitos, crenças, símbolos e representações. É o povo brasileiro neste coração da Amazônia que se realizam, geram, produzem e reconstróem a vida.

Todavia, com a dinâmica econômica e espacial, os seringueiros estão adaptando seu modo de vida no perímetro urbano, criando nova territorialidade onde existe uma identidade híbrida e a troca de aprendizagens ocorre simultaneamente. É fundamental repensar formas de atenção a esses grupos que sofreram, enfrentando os mais diversos contratemplos na selva, necessitando, hoje, de novas políticas que pensam em sua forma de vida integral dando-lhes a sustentabilidade do seu modo de ser e viver na Amazônia.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA SILVA, Adnilson de *et all.* **O Processo de des(re)territorialização dos trabalhadores nordestinos no território Amazônico durante os ciclos da borracha.**

Curitiba: Revista Geografar, nº 1, V.5, p. 61-82, jan/jun 2010. Disponível em: <http://www.ser.ufpr.br>. Acesso 09/05/11.

ASSUNÇÃO, S. T. Ponta do Abunã: Disputa Espacial e Ocupação Desordenada. Monografia – UNIR-RO, 1999. 39p

BARLACH, L.O que é Resiliência Humana? Uma contribuição para a construção do conceito. 2005.108p. Dissertação (mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

BOSSI, E. Temos Vivos e Tempos Mortos: A Substância social da Memória - sob o signo de Benjami(Walter Benjamim).” In: *O tempo vive da memória:Ensaio de Psicologia social*, por Eclea Bossi, 16 p. Sao Paulo: Ateliê editorial, 2003.

BUTTNER, A. Apreendendo o Dinamismo do Mundo Vivido. IN: CHRISTOFOLETTI, A. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1985. p. 165-193.

HAESBAERT, R. Identidades Territoriais. IN: RONZENDAHL, Z.; CORRÊA, R.L.(org).**Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.p.169-190

HAESBAERT, R. *Da Desterritorialização à Multiterritorialidade*. IN: *Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina, 2005. USP*. Disponível em: http://www.planificacion.geoamerica.org/textos/haesbaert_multi.pdf.> Acesso 09/05/11.

IBGE. Contagem da População 2007. Disponível em: <http://www.ibge.com.br/servidor_arquivos_est> Acesso em: 24 agosto 2010.

MARCHESE, D. Eu entro pela perna direita: espaço, representação e identidade do seringueiro no Acre. Trad. Elenkey B. Pimentel. Rio Branco, AC: EDUFAC, 2005.

NASCIMENTO SILVA, M. das G. O Espaço Ribeirinho. Porto Velho, Rondônia: Terceira Margem, 2003.

SEDAM. Secretaria de Estado do Desenvolvimento Ambiental. *Mapas do Estado de Rondônia. Laboratório de Sensoriamento Remoto*. Porto Velho – RO, 2011.

SILVA, J.C. O Mito e as Crenças como Constituintes do Espaço Ribeirinho na Formação do Modo de Vida Amazônico. IN: **Da Percepção e Cognição à Representação: Reconstruções Teóricas da Geografia Cultural Humanística**. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2006.

TEDESCO, J. C. Nas Cercanias da Memória: Temporalidades, Experiência e Narração. UPF Editora. Passo Fundo: UPF: Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

TRE. http://www.tre.ro.gov.br/eleicoes/2010_plebiscito_extrema/resultado_ponta_abuna.php
> Acesso em: 10 novembro 2010.

TUAN, Y. F. Topofilia-Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL; São Paulo, 1980.

ZANATTA, B. A.; A Abordagem Cultural na Geografia. 2007. Disponível em www.nee.ueg.br/seer/index.php/temporisacao/article/view/28/45 > Acesso em: 02 de agosto de 2011.